

HELENA PARENTE CUNHA: *Woman Between Mirrors*, trad. Fred P. Ellison e Naomi Lindstrom. Austin, University of Texas Press, 1989.

Resenhar este livro de Helena Parente Cunha começa com uma dificuldade. Como esta é uma tradução, as observações devem ser divididas entre o trabalho dos tradutores e a obra em si mesma. Ora, falar da tradução implicaria uma intimidade com a língua inglesa que, acredito, é privilégio quase que exclusivo dos nativos. O que resta, então, é tentar localizar na obra as características do original em português.

“Tradutor, traidor” — diz o dito popular; ou, como já disse alguém sobre o mesmo assunto, “poesia é o que se perde numa tradução”. *Woman Between Mirros*, felizmente para o público que só pode lê-lo em inglês, não está incluído no grupo de traduções que deram origem aos ditados populares. A tradução é muito cuidadosa, feita com precisão e, porque não dizer, carinho e respeito. Este deve ter sido um trabalho difícil, devido ao caráter intimista da narração, e as transformações sofridas pelas personagens no decorrer da trama. No “Translators’ Preface” Fred P. Ellison e Naomi Lindstrom relatam as específicas dificuldades e os atalhos que tiveram que tomar para tornar a obra o mais fiel possível ao original e ao mesmo tempo o mais compreensível possível em inglês. Os resultados da tradução são muito bons, e os resultados dessa tradução para a divulgação da literatura brasileira nos Estados Unidos serão ainda melhores, com certeza.

Do romance em si há muito mais que dizer.

Desde que Augusto Perez, personagem de *Niebla*, vai falar com Unamuno e pedir-lhe explicações sobre as idas e vindas de sua vida, a idéia de um personagem interpelando o autor não é muita novidade. Em *Niebla* Augusto se revolta contra o personagem/escritor Unamuno e ameaça matar-se para livrar-se do jugo tirano de quem o escrevia. A idéia de que as fronteiras da ficção podem misturar-se com as fronteiras da realidade tem dado muitos e interessantes frutos. Basta lembrar *If on a Winter’s Night a Traveller*, da literatura italiana, *The French Lieutenant’s Woman*, da literatura inglesa, e no cinema, *The Purple Rose of Cairo*, do diretor americano Woody Allen, para citar só alguns exemplos. Em *Woman Between Mirrors*, Helena Parente Cunha toma a mesma técnica e a desenvolve em direções que são ao mesmo tempo baseadas numa tradição previamente estabelecida e que também se desenvolvem em direções totalmente originais.

A estória tem basicamente duas personagens: a narradora e a heroína. A primeira é uma mulher liberada, assumida, moderna, analisada; a segunda é o produto de uma sociedade patriarcal repressiva e de uma infância desgraçada. Ambas, narradora e heroína, se encontram num espelho, o qual funciona como um corredor entre o tempo e o espaço, a ficção e a realidade.

De início, a narradora tenta analisar a heroína, ensinar-lhe como se liberar, como sacudir as correntes e assumir sua vida. A heroína comenta os

comentários da narradora, por vezes aceitando os, por vezes recusando-os completamente. Estabelece-se entre as duas um processo simbiótico de extrema complexidade, e no final as posições são trocadas, e não se sabe se a heroína e um produto da ficção escrita pela narradora, ou se a narradora, na verdade, não passa de uma criação ficcional da heroína. Nesse meio tempo, antes que os lugares sejam trocados, muita coisa tem que acontecer, muitas lembranças têm que vir à tona, e muitos ratos tem que roer pés de meninas marcadas pelo remorso. As duas, narradora e heroína, santas de barro com pés de carne, se enfrentam e se degladiam até a batalha final, quando o espelho que as une é despedaçado por um raio de Xangô.

Várias coisas são fascinantes neste romance. Salta aos olhos a habilidade técnica de Lucia Parente Cunha, capaz de, em frases curtas, cheias de advérbios, expressar sentimentos, mudanças de opinião, localização dos personagens e desenvolvimento psicológico. Também fascina a sua habilidade de mostrar a comédia de situações que em geral são consideradas trágicas. E por fim, há aquilo que se poderia chamar de “aparato ideológico”.

Helena Parente Cunha é uma mulher de seu tempo e, acima de tudo, uma mulher de seu tempo no Brasil do final do século XX. Ela está perfeitamente consciente das mudanças comportamentais das mulheres e também esta alerta para a existência do grupo de mulheres que se encontra preso às raízes patriarcais e machistas da sociedade brasileira. Nesta medida, seu livro espelha essa realidade dual e conflitante, que não pode ser resolvida com a adoção pura e simples de soluções feministas de origem internacional. Inadequações abundam em todos os setores, e a autora não poupa nem um lado nem outro; pelo contrário, ela expõe essas inadequações com extremo senso crítico.

Uma outra característica do livro e sua identificação com a realidade brasileira, ou melhor, com a realidade brasileira na Bahia. Sendo este um estado onde a influência africana foi das mais fortes no Brasil, a autora maneja os símbolos afro-brasileiros e os trabalha a nível de personagem e a nível de desenvolvimento psicológico dos mesmos. É importante notar que, neste ponto, Parente Cunha discute alguns aspectos da miscigenação que têm estado presentes na literatura brasileira desde os Naturalistas.

A única coisa que parece forçada na trama é a relação da heroína com os três filhos. Eles não tinham que ser *necessariamente* maus, ou, como diz o romance, “perversos”. A vitimização da heroína poderia passar sem mais esse degrau de vilificação. A “maldade” dos filhos, embora convincente, já que eles são os ramos podres de uma árvore podre, chega ao grau de paroxismos. Ao falar dessa maldade dos filhos, juízos de valor são feitos em relação, por exemplo, à homossexualidade do filho do meio, considerada o degrau mais alto de vileza. Será homofobia da heroína, da narradora, ou da própria autora?

De todas formas, esse é um livro que deve ser lido, estudado, apreciado. Ele é uma jóia em técnica narrativa, em documentário histórico de um Brasil

patriarcal em vias de desaparecer (assim esperam homens e mulheres de boa vontade), e acima de tudo, *Woman Between Mirrors* é uma obra de arte que, embora participante de uma tradição narrativa já conhecida, se sustenta em si mesma. A tradução do romance para o inglês é já uma amostra da sua importância.

*University of Pittsburgh*

EVA PAULINO BUENO

RICHARD L. JACKSON: *The Afro-Spanish American Author II; The 1980's; An Annotated Bibliography of Recent Criticism*. West Cornwall, CT, Locust Hill Press, 1989.

A quem interessa um livro de bibliografia anotada de criticismo recente sobre qualquer assunto? Primariamente aos acadêmicos relacionados com o assunto, certamente, porque numa bibliografia anotada eles podem encontrar apontamentos sobre livros editados por diversas editoras, e mais uma idéia geral sobre os livros e os assuntos que tratam. As bibliografias anotadas são uma "mão-na-roda": poupam tempo e sugerem o assunto dos livros. Em segundo lugar, essas bibliografias interessam aos autores de livros, já que aparecer numa delas já implica, se não uma consagração, pelo menos um início de reconhecimento do trabalho feito. Por fim, creio que um trabalho de bibliografia anotada interessa a qualquer boa biblioteca que queira manter-se a par das mais recentes publicações. *The Afro-Spanish American Author II; The 1980's* preenche todas essas funções e o faz muito bem.

O professor Jackson é já um veterano no estudo dos autores afro-americanos de língua espanhola. O primeiro livro dessa série, publicado em 1980, obteve excelente acolhida e trouxe importantes contribuições para a organização de muitos centros de *black studies*. Além desse livro, Jackson tem participado regularmente em muitas publicações periódicas, e em 1988 publicou *Black Literature and Humanism in Latin America* através de The University of Georgia Press. A sua tem sido uma carreira dedicada à coleta de dados e ao estudo da literatura negra. Nada mais consistente com sua carreira, portanto, que a publicação desse novo volume da série de bibliografia anotada.

O livro, de 154 páginas, traz listas de autores por países de origem, de autores por período, de trabalhos de criação e traduções publicadas desde 1979, de bibliografias gerais, de estudos gerais e antologias, além de estudos individuais sobre autores, e um "appendix" muito conveniente com a lista dos periódicos citados. Na Introdução, Jackson delinea as correntes mais recentes da crítica literária da América afro-espanhola. É um livro conciso, prático, útil.

No entanto, o problema com as bibliografias anotadas —todas as bibliografias anotadas— é que elas são obras de vida útil curta. Como as publicações